



- 35. too many dishes for little food
- 36. preparing beans for the week
- 37. crushing garlic
- 38. empty pan when there's nothing to eat
- 39. scouring pan
- 40. washing dirty pots
- 41. boiling water to loosen fat from dirty pots

- 42. dog food's dish
- 43. seafood mush pan
- 44. pot to collect water from leak
- 45. figuring out river depth; build momentum
- 46. rowing on one side
- 47. rowing on the other side
- 48. fixing the fence taken away by the river
- 49. fighting for memory

- 50. enacting the Dutch soldier on the prow
- 51. enacting almost defeated colonizer
- 52. enacting enemy surrendered to the defense of women
- 53. enacting the Dutch without ammo

ESPERANDO O NOVO NORMAL:

trabalho e ambiguidades entre físico e digital a partir da pandemia

PAULA LEMOS VILAÇA FARIA*

DOI: <https://doi.org/10.35699/2965-6931.2024.53719>

RESUMO: Este trabalho parte de textos disparadores de escritores de crônicas e contos, para uma discussão do termo “novo normal”, que recebeu atenção da mídia entre 2020 e 2023 durante a pandemia de covid-19, com foco principal nas implicações de se concentrar atividades como o trabalho de forma simultânea a outras dentro do espaço da casa, borrando os limites entre cada uma. Aborda-se então o período final do isolamento, questionando como a tecnologia proporcionou uma abertura quase infinita às experiências dentro do meio digital, trazendo a metáfora do aleph do escritor argentino Jorge Luis Borges em diálogo com pensadores como Beatriz Colomina, Byung-Chul Han, Jonathan Crary, Michel Foucault, Silvia Federici, entre outros. A partir da restrição espacial e seus impactos no cotidiano doméstico e de trabalho, pretende-se discutir essa suposta nova normalidade e o que suas questões mais dramáticas ao longo desse período pandêmico, assim como algumas de suas implicações nesse momento posterior em que as organizações sanitárias já declararam seu encerramento..

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho; tecnologia; pandemia; domesticidade; literatura.

Waiting for the new normal: work and ambiguities between the physical and the digital after the pandemic

ABSTRACT: This work starts from trigger texts by writers of chronicles and short stories, for a discussion of the term “new normal”, which received media attention between 2020 and 2023 during the covid-19 pandemic, focusing mainly on the implications of concentrating activities such as work simultaneously with others within the home space, blurring the boundaries between each one. The final period of isolation is then addressed, questioning how technology has provided an almost infinite opening to experiences within the digital environment, bringing the metaphor of the aleph by Argentine writer Jorge Luis Borges into dialogue with thinkers such as Beatriz Colomina, Byung-Chul Han, Jonathan Crary, Michel Foucault, Silvia Federici, among others. Based on the spatial restriction and its impact on everyday life at home and at work, the aim is to discuss this supposed new normal and its most dramatic issues during this pandemic period, as well as some of its implications at a later time when health organizations have already declared it over.

KEYWORDS: Labor; technology; pandemics; domesticity; literature.

* Universidade Federal de Minas Gerais

¹ PORTELLA, Vinícius. *Concentração*. In: Vinícius Portella. *O inconsciente corporativo e outros contos*. – 1. ed. – São Paulo: DBA Editora, 2023. p. 11-12.

² STIGGER, Verônica. *Texto de orelha do livro*. In: Vinícius Portella. *O inconsciente corporativo e outros contos*. – 1. ed. – São Paulo: DBA Editora, 2023.

³ Ibidem

O escritor brasileiro Vinícius Portella, em seu livro de contos de 2023 chamado “O inconsciente corporativo”, abre a série de narrativas com “Concentração”¹, história breve que possui, nas palavras da escritora e jornalista Veronica Stigger a manifestação de uma “[...] espécie de *aleph* digital”². Stigger diz também que “[...] essa virtual abertura ao infinito que nos atrai na tecnologia, ao mesmo tempo que nos enreda, como a um inseto na teia da aranha”³. O conto se encerra da seguinte forma:

Volta pro WhatsApp, mas chegaram mensagens novas em outros grupos. Uma delas é o print de uma interação entre um bolsonarista alucinado e um troll de esquerda, outra é o link de uma reportagem sobre uma chacina no Rio, outra é um gráfico que compara todas as pesquisas eleitorais e faz um meta-agregado complexo, outra ainda é um nexos enovelado de nexos aninhados, vórtice espiralado em que todas as conexões contêm todas as demais conexões, todas as interações apontam umas pras outras, todas as trocas circulam todas as trocas em cima das quatro ou cinco plataformas que em breve (já, já mesmo) passarão seu rolo compressor em todas as superfícies disponíveis, incluindo tudo que ainda não tá lá, tudo que é o caso se nivelando enfim na mesma maçaroca de conteúdo indistinto, ruído branco e rosa ocupando todo o espectro disponível em bloco, nada saindo jamais de dentro daqueles dutos, sem escapatória possível, nem descanso, nem fissura, nada que tem peso podendo sequer pensar em escapar a esse único molde pra moldar todos os outros, única modulação pra encontrá-los, única moldura pra congrega-los e atá-los na mesma luz nauseante (ricocheteando sem parar como luz nos cabos submarinos, agora mesmo, emanada ao seu redor como onda de rádio), único enquadro do que se pode, único filtro do que se dá. (Portella, 2023, p.12.)

“O Aleph”, se trata de uma referência a outro conto, de autoria do escritor argentino Jorge Luis Borges, mencionado por Stigger. É narrado por um protagonista que se vê diante de um objeto abstrato, situado no porão de uma casa, mas que na história se supõe também ser capaz de conter toda a infinitude de conhecimento disponível no mundo. A utilização de um universo fantástico para espelhar o momento atual imerso em tecnologia é bastante pertinente quando essas ferramentas, as quais muitas vezes desconhecemos a fundo seu funcionamento, se aproximam da magia pela provocação de um deslumbramento e pela sua eficácia na captura do nosso olhar. Enquanto na narrativa de Borges o personagem precisava se esforçar um pouco para enxergar o *aleph* no décimo nono degrau de uma escada, nossas versões atuais desse objeto-portal não exigem tanto de nós. Por meio de smartphones, tablets e notebooks, dispositivos

lisos, sem tantos atritos, o acesso aos novos “alephs” estão literalmente nas palmas de nossas mãos, disponíveis praticamente o tempo todo.

Quando falamos da recente pandemia de covid-19, que perdurou entre 2020 e 2023, e o isolamento social imposto por ela, essa disponibilidade aparentemente infinita de informação passou a reforçar uma ubiquidade da internet, percebida quase como um fio invisível que passou a dar liga à vida, mantendo as sociabilidades à distância e conectando-nos uns com os outros, mas obliterando muitas vezes o fato de que essa rede também é material, composta por cabos subterrâneos pelos oceanos e computadores gigantescos armazenando dados.

Essa aparente onipresença da internet no contexto da quarentena levou também uma espécie de exigência de uma presença *online* dentro de uma temporalidade 24/7 (24 horas por dia. 7 dias por semana), que, nas palavras de uma crônica da escritora Luciana Andrade nos condenam a um “presente infinito”⁴, dilatado, “um tempo inchado e com coisas sobrepostas, meio paralisante”⁵. Como se passado e futuro coexistem de forma similar ao *aleph* descrito por Borges.

4 ANDRADE, Luciana. presente. flows magazine. Disponível em: <https://flowsmagazine.substack.com/p/presente>. Acesso em 23/01/2024.

5 Ibidem.

Não me espanta (*chocada, mas jamais chocada*) que a gente se veja em meio a tantas realizações de futuros distópicos ou relatórios que eram pra ser de tendências acontecendo agora mesmo. Coisas que antes eram projetadas como algo distante. Chegamos ao futuro e agora ele virou presente, essa masmorra do presente distópico, onde tudo é acelerado e vai meio se repetindo, assumindo rumos *previsíveis* – afinal, a gente sente e sabe onde tudo isso vai dar (e *tudo isso* pode ser qualquer coisa, do aquecimento global à epidemia de burnout, passando pelo capitalismo destruindo ainda mais etc). [...] A adesão cada vez mais automática ao novo, em vez de nos apontar um futuro, parece nos aprisionar num presente exaustivo e capitalista que se renova e oprime. a profecia da música de fim de ano, em que *o futuro já começou* meio que se realiza – mas não sei se a parte da *festa é nossa* vai rolar aqui no nosso humilde compartimento do titanic. (Andrade, 2023)

Esse presente infinito dito por Andrade também foi percebido devido à uma monotonia vivida por muitos no confinamento durante a pandemia, uma espécie de indiferenciação entre um dia e outro, uma tarefa e outra dentro de casa, com a concentração – no sentido de acúmulo, um sentido diferente do título do conto de Portella – no mesmo espaço de muitas atividades de naturezas diferentes, como trabalho, estudo e lazer. O trabalho realizado em regime remoto, por exemplo, passou a vazar em outras esferas da vida, sem possuir uma noção clara de onde começa e onde termina, ainda

6 PINHEIRO, Luisa. Um gostinho de home office. Doses de Tiquira. Disponível em: <https://dosesdetiquira.substack.com/p/um-gostinho-de-home-office>. Acesso em: 07/04/2024.

que possa ter respeitado horários pré-definidos. Esse onde serve tanto para o espaço quanto para o tempo, uma vez que o espaço é o mesmo de outras atividades, levando à presença de fronteiras borradas entre cada ação executada dentro de casa, assim como a abertura no tempo de brechas que misturaram tudo.

A escritora maranhense Luisa Pinheiro, no texto “Um gostinho de *home office*”⁶, diz que um dos pontos principais dessa concentração das atividades em casa, se tratou da ausência de zonas intermediárias ou de transição entre o que poderia ou não ser considerado trabalho:

Como estabelecer uma divisão entre a casa e o escritório improvisado? Como adaptar o ritual de sair do trabalho que, em outros tempos, seria o óbvio trajeto de transporte público até em casa? Como parar de pensar na solicitação de cliente ainda não respondida se o equipamento da empresa me encara 24 horas por dia? [...] Agora sobra tempo pra pensar: será que devo me arrumar antes de começar a jornada? Será que faz sentido colocar uma roupa de trabalho? É possível se atrasar quando você não pode culpar o transporte público? Se eu bater meu ponto todos os dias às 9 vai parecer que a minha pontualidade é forçada? (Pinheiro, 2021)

A escritora fala dessa diferença entre sua casa e o escritório improvisado, com um acúmulo de tarefas considerado comum dentro do que foi chamado de “novo normal”. Pinheiro traz questionamentos que dizem também da ausência de ações que são parte do trabalho, como o trajeto até ele, que demarcam seu começo ou encerramento em relação às demais atividades do cotidiano. Essa ausência de ações dessa natureza que geram certa ruptura entre uma tarefa e outra contribuíram para uma dificuldade em experienciá-las, já que houve uma aparente continuidade interminável, em que trabalho, lazer, estudo e descanso não se distinguiam tanto assim enquanto estávamos confinados dentro de casa.

Outra questão que me inquieta é a eterna dúvida: como separar a casa do local de trabalho? Se tem uma coisa que não tem aqui é espaço sobrando, então essa divisão tem que ser feita na minha cabeça mesmo. Na falta de um ônibus pra pegar depois das seis da tarde, eu desligo o computador da firma e pego algum livro que esteja lendo pra me levar a outro lugar. É um tipo diferente de trajeto pra *sair* do trabalho, voltar à superfície e seguir com os afazeres. Tendo isso em mente, pelo menos não é todo dia que eu pego o celular pra dar uma olhada no Twitter e só dou conta do deslize às oito da noite. Estar em casa não significa ter disponibilidade pra fazer coisas o dia inteiro. Isso é óbvio, né? Mesmo assim, ainda estou me batendo um pouco com essa ideia. A hora do almoço não é infinita pra riscar todas

tarefas pendentes da minha agenda, tipo negociar o valor de uma conta, colocar granola no forno, lavar a louça acumulada na pia desde a noite anterior. Então fico com a louça que esse é um bom serviço mecânico pra tirar as preocupações da cabeça e deixar o pensamento fluir pra outros lugares. Lavar louça é a caminhada que dá pra fazer dentro de casa. Ser *flâneur* entre as canecas do café e as panelas novas que ainda não perderam o teflon. A falta de uma obrigação formal que me tire de casa tem me deixado agoniada com o confinamento. Nem faz mais sentido contar os dias trancada nesses pouco metros quadrados. Dias de sol, convidativos para um passeio no parque aqui perto, são logo substituídos por semanas chuvosas em que eu agradeço poder ficar no meu canto, com os pés secos. (Pinheiro, 2021)

⁷SANDLER, Carolina Ruhman. Você não vai abrir a câmera? Vou te falar. Disponível em: <https://voutefalar.substack.com/p/voce-nao-vai-abrir-a-camera>. Acesso em: 07/04/2024.

O termo “novo normal” foi veiculado na mídia como uma máxima dos primeiros meses da pandemia, mas talvez ele nunca tenha existido como algo além de uma mera sentença. De novidade mesmo não havia tanta coisa, mesmo com a incorporação de medidas sanitárias de forma rigorosa e não tão comuns anteriormente, como a imposição do isolamento como uma premissa temporária pelas organizações sanitárias. Já estavam presentes no “velho normal” muitas ferramentas utilizadas no trabalho e no ensino remotos, como o Zoom por exemplo, ainda que tenham ganhado maior utilização e investimento durante a pandemia. Porém, esse lema de uma suposta nova normalidade se saturou rapidamente com o passar dos dias em confinamento, diante de um cenário quase apocalíptico, com uma enorme quantidade de mortes no Brasil e no mundo devido à contaminação pela covid-19 acontecendo do lado de fora de nossas casas. Até mesmo as tecnologias pré-existentes que viabilizaram algumas atividades de forma remota tiveram sua dose de saturamento, como é dito pela jornalista e escritora Carolina Ruhman Sandler, no texto “Você não vai abrir a câmera?”⁷, em que menciona a exaustão dessa exposição no meio virtual em uma rotina acachapante imposta dentro desse “novo normal”.

Eu não aguento mais abrir a câmera no Zoom. Devo confessar: eu já menti e disse que a minha internet estava ruim. Nas primeiras vezes, me achei muito esperta – no início da pandemia, havia realmente muita gente cuja banda larga em casa não estava dando conta de tanta gente conectada ao mesmo tempo. O problema foi que não me atualizei com os tempos e, com horror, descobri que aquela tinha virado a típica desculpa esfarrapada da pandemia. Manjada mesmo, sabe, quase um meme. (Sandler, 2021)

8 SCHWARCZ, Lilia Moritz. De perto ninguém é normal (ou o ‘novo normal’).

9 FELITTI, Guilherme. A sangria da tecnologia é consequência de um “novo normal” que nunca chegou. Tecnocracia. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/iUbaYyNhI-gpviJ8NXba2tl?si=3oda-8275cb62455c&nd=1&dl=1&si=a581abd6c55c407f>. Acesso em: 13/06/2023.

10 Ibidem.

No texto “De perto ninguém é normal (ou o ‘novo normal’)”⁸, a historiadora Lilia Moritz Schwarcz, discute esse termo a partir de uma desconfiança, principalmente por ter feito sucesso e se disseminado de maneira bastante rápida, de forma que tentava dizer tudo, e acabava não dizendo nada. Schwarcz diz também que esse termo não é exatamente uma novidade, mesmo que sua origem seja desconhecida, mas que é comumente utilizado em momentos de crise.

Crise quer dizer “decisão” e, portanto, parece “normal” que diante de grandes acidentes como esses, as sociedades mostrem sua capacidade para se alterar, mas para se “conservar” também. Durante muito tempo as ciências sociais, prioritariamente, se dedicaram a entender não como as sociedades mudam, mas sobretudo como elas têm essa incrível capacidade de se manter. Como dizia Lampedusa: “É preciso que algo mude para que tudo fique absolutamente igual”. E esse me parece ser o “novo normal”: ele representa, no meu entender, um esforço contínuo no sentido da preservação da sociedade (e de um determinado status quo), nem que, para que isso ocorra, ela seja levemente alterada. Isso porque a humanidade, em seu longo curso, sempre lutou pela manutenção. As pessoas também preferem estados de equilíbrio, de “normalidade”, do que viver no “caos” da novidade. Por isso, se é preciso que alguma coisa se altere, o melhor é que seja bem pouco. Considero, assim, o “novo normal” um movimento bastante conservador; no sentido primeiro da palavra: conservar. Afinal, esse seria um “novo normal” para quem? Qual seria o nosso coeficiente de “normalidade”? E qual a régua que mede e distingue o que é “normal” do que é “anormal”, ou, ainda, um “novo normal”? (Schwarcz, 2020)

O podcast Tecnocracia, do jornalista Guilherme Felitti possui um episódio chamado “A sangria da tecnologia é consequência de um ‘novo normal’ que nunca chegou”⁹. Felitti, a partir de um paralelo com a peça “Esperando Godot”, de 1952, do dramaturgo Samuel Beckett, diz que, apesar da mudança dramática no cotidiano a partir da quarentena, ao olharmos atentamente para o presente, muito continua igual. O jornalista pontua que “durante a pandemia, o mercado de tecnologia se convenceu de que estava entrando numa nova realidade onde o seu papel seria muito maior e mais importante do que já era e de que os outros setores se curvariam ainda mais ao seu poder.”¹⁰ Ele ainda diz que a própria expressão “novo normal” foi criada quase como um código para um mundo diferente, onde as relações seriam ainda mais mediadas pelas plataformas digitais, levando a um aumento da presença e do poder das empresas de tecnologia, as chamadas *big techs*, na rotina das pessoas. De fato, essa plataformização das relações se tornou mais presente nesse modo de vida em que

digital e físico se imbricam no cotidiano, mas existia uma ilusão otimista – ou marketing – por parte dessas empresas de que todo o trabalho seria remoto e colaborativo, “a tecnologia imaginou um mundo de abundância digital e se preparou para ele; só que o ‘novo normal’ ‘godotizou-se’”¹¹. Ou seja, essa expectativa não se concretizou totalmente, e as condições para sua realização mudaram bastante no decorrer dos últimos anos.

A pesquisadora australiana McKenzie Wark, diz em seu livro “O capital está morto”¹² que, desde antes da pandemia, a vida já se encontra instrumentalizada por essas plataformas e empresas que Wark classifica como um outro tipo de classe dominante, para a qual dá o nome de vetorialista. A autora faz essa diferenciação em relação à classe capitalista, compreendida por Marx e muitos de seus seguidores, pelo fato de os vetorialistas terem a capacidade de possuir e de controlar patentes, preservando os monopólios das tecnologias consideradas onipresentes em nosso cotidiano. Essa classe explora o que Wark pontua como uma assimetria de informação, uma vez que possui um conjunto abundante de dados, enquanto os cidadãos comuns têm acesso a apenas uma porção ínfima disponível.

A classe vetorialista possui e controla o vetor, um conceito que uso para descrever, de forma abstrata, a infraestrutura na qual a informação é orientada, seja através do tempo ou do espaço. Um vetor em geometria é simplesmente uma linha de comprimento fixo, mas de posição não fixa. É uma forma de pensar uma tecnologia que tenha algo que molda o mundo de uma maneira particular, mas que pode também moldar diferentes aspectos do mundo. Você pode possuir estoques ou fluxos de informações, mas é muito melhor ter a propriedade do vetor, os protocolos legais e técnicos para tornar escassas informações antes abundantes. [...] Talvez a classe vetorialista não esteja mais emergindo. Talvez seja a nova classe dominante. Pode-se argumentar que a informação sempre foi central para o capitalismo, que isso é apenas o capitalismo. Até certo ponto, pode ser mesmo. No entanto, até mesmo pensar que o capitalismo é sobre informação é uma perspectiva bastante recente. Acaba sendo uma forma de ver retrospectivamente todo o curso do capitalismo em termos de algo que só emergiu como um conceito e uma realidade instrumental como um de seus produtos tardios. O outro ponto a ser esclarecido aqui é que há uma diferença entre a informação como força de produção e a informação como uma força dominante de produção. A classe vetorialista não precisa mais possuir as outras forças produtivas. A Apple e o Google não fabricam de fato seus próprios produtos. Uma parte considerável daqueles que empregam diretamente não são trabalhadores, mas hackers, pessoas que criam novas informações, sejam de tipo técnico ou cultural, para serem incorporadas a produtos cuja fabricação pode ser oferecida a uma classe subordinada de capitalistas. (Wark, 2022, p. 64-65)

¹¹ Ibidem. Transcrição de trecho entre os minutos 8:00 e 8:13.

¹² WARK, McKenzie. *O capital está morto*. Tradução: Dafne Melo. – São Paulo: Editora Funilaria e sobinfluncia edições, 2022.

Em consonância ao pensamento de Wark, o professor e crítico estadunidense Jonathan Crary, em seu livro “24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono”, fala das inovações tecnológicas como ferramentas para a manutenção e funcionamento das estruturas de poder:

Toda aparente novidade tecnológica é também uma dilatação qualitativa de acomodação e dependência a rotinas 24/7, e vem acompanhada de uma proliferação de aspectos que transformam um indivíduo em uma aplicação de novos sistemas e esquemas de controle. (Crary, 2016, p. 52)

Crary ainda diz:

A habituação individual a esses ritmos acarretou consequências sociais e ambientais devastadoras e fez do ciclo incessante de deslocamento e descarte a norma coletiva. Como a perda é continuamente engendrada, a memória, atrofiada, deixa de reconhecê-la como tal. Muda a composição fundamental das narrativas de vida: em vez de uma sequência convencional de lugares e eventos associados à família, trabalho e relacionamentos, o principal fio condutor de nossa história de vida são as mercadorias eletrônicas e serviços de mídia por meio dos quais toda experiência é filtrada, gravada ou construída. À medida que desaparece a possibilidade de um único emprego ao longo da vida, o trabalho mais duradouro para a maioria das pessoas é elaborar sua relação com os dispositivos. Tudo que antes era vagamente considerado «pessoal» é reconfigurado de maneira a facilitar a invenção de si mesmo a partir de um aglomerado de identidades que existem apenas como efeitos de dispositivos tecnológicos temporários. [...] Dado que nossas contas bancárias e nossas amizades podem ser administradas por operações e gestos maquinais idênticos, há uma crescente homogeneização do que antes eram áreas de experiência inteiramente estanques. (Crary, 2016, p. 67-68)

Essa discussão se soma ao pensamento da professora e teórica feminista marxista Silvia Federici, a partir de sua discussão no texto “Reencantando o mundo: tecnologia, corpo e construção dos comuns”. A autora debate sobre as maneiras que esse tipo de ferramenta opera dentro da sociedade capitalista neoliberal não só como supostas auxiliares amigáveis de atividades cotidianas, mas também como dispositivos controle:

É importante lembrar que as tecnologias não são dispositivos neutros; envolvem, na verdade, sistemas de relações específicos, «infraestruturas sociais e físicas particulares» (Ullrich, 1992, p. 285), além de regimes disciplinares e cognitivos, capturando e incorporando os aspectos mais criativos do trabalho vivo usado no processo de produção. Isso também vale para as tecnologias digitais. (Federici, 2015, p. 277)

Federici diz também:

A informatização também aumentou a capacidade militar da classe capitalista e sua vigilância sobre nosso trabalho e nossa vida – consequências que fazem os benefícios do uso de computadores pessoais perderem seu brilho (Mander, 1991). É importante notar que a informatização não reduziu nem mesmo a jornada semanal de trabalho, uma promessa de todas as tecnoutopias desde a década de 1950, nem o fardo do trabalho físico. Estamos trabalhando mais do que nunca. [...] Com a informatização, a abstração e a regulação do trabalho estão chegando ao ápice, assim como a nossa alienação e dessocialização. O nível de estresse que o trabalho digital está produzindo pode ser medido pela epidemia de doenças mentais – depressão, pânico, ansiedade, déficit de atenção, dislexia – típica dos países mais avançados tecnologicamente, como os Estados Unidos. Essa epidemia também pode ser entendida como forma de resistência passiva, como recusa a obedecer, a tornar-se máquina e a aceitar os planos do capital, tal como se fossem nossos (Berardi, 2009). Em suma, a informatização aumentou o estado geral de sofrimento, materializando a ideia de «homem-máquina», de Julien de La Mettrie. Por trás da ilusão de interconectividade, a informatização produziu um novo tipo de isolamento e novas formas de distanciamento e de separação. O computador viabilizou o monitoramento, o registro e a eventual punição de todos os movimentos de milhões de pessoas durante o expediente de trabalho; as relações sociais se deterioraram enquanto passamos semanas diante de telas, abrindo mão do prazer do contato físico e das conversas presenciais; a comunicação se tornou mais rasa, já que a sedução da resposta imediata substitui cartas reflexivas por trocas superficiais. Também podemos constatar que os ritmos acelerados aos quais os computadores nos habituaram criam uma impaciência crescente em nossas interações diárias com outras pessoas, pois elas não acompanham a velocidade da máquina. (Federici, 2015, p. 278-280)

¹³ FELITTI, Guilherme. A sangria da tecnologia é consequência de um “novo normal” que nunca chegou. *Tecnocracia*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/1UbaYyNhIgpvi-J8NXba2tl?si=3oda8275cb-62455c&nd=1&dlsi=a581abd6c55c407f>. Acesso em: 13/06/2023.

¹⁴ Ibidem.

Apesar de essas plataformas terem consolidado até certo ponto seu lugar no cotidiano antes, durante e depois da pandemia, sua onipresença, de modo geral, foi menor do que a projeção dos “gurus tecnológicos”¹³ que se intitulam quase como salvadores por conceber as ferramentas que em tese só trariam benefícios para a sociedade. Retomando o podcast de Guilherme Felitti, a pandemia demarcou “serviços certos na hora certa”¹⁴, como o Zoom, que estavam preparadas e já sendo utilizadas previamente. Mas mais do que nunca, esse período evidenciou inúmeras precariedades diante da concentração

de tantas esferas da vida mediadas por serviços cujos idealizadores e proprietários não estão muito preocupados com seus usuários, uma vez que dentro dessas plataformas digitais esse usuário é convertido em consumidor, perdendo seu lugar como sujeito.

¹⁵ Ibidem.

¹⁶ COLOMINA, Beatriz. O século da cama. In: Beatriz Colomina. Marian Rosa van Bodegraven e Marianna Boghosian Al Assal (org.). *Arquitetura, sexualidade e mídia*. Tradução: Marian Rosa van Bodegraven – São Paulo: Editora Escola da Cidade / Editora WMF Martins Fontes, 2023. p. 85.

¹⁷ BENJAMIN, Walter. Paris, a capital do século XIX. In: KOTHE, Flavio; FERNANDES, Florestan. *Walter Benjamin. Sociologia*. – São Paulo: Ática, 1985. p. 37

Agimos dentro e contra um mundo que permanece outro para nós. Reduzidos a nada além de usuários, e nossas ações forçadas à forma mercadoria, nosso trabalho e jogo coletivos produzem um mundo sobre e contra nós, que persiste maciçamente em seus próprios hábitos de funcionamentos. Pior ainda, o trabalho humano coletivo criou um mundo para uma classe dominante, que continua fazendo não só a si mesma, mas a nós à sua imagem. (Wark, 2022, p. 29-30)

A possibilidade dessa conversão de todas as atividades diárias, a partir de uma imersão no meio digital, passou então a trazer uma espécie de sensação de afogamento durante a pandemia. Nas palavras de Felitti, é horrível pensar atualmente nessa premissa em que “pedalar, ioga, malhação, date”¹⁵, entre outras atividades, poderiam se tornar algo comum de se realizar em isolamento para além do confinamento pandêmico. E ainda pior é pensar como a ideia de constrição temporária dessas ações, até que as instituições sanitárias dessem um aval para a retomada das tarefas presenciais ou a OMS declarasse o fim da pandemia, recebeu um viés futurista similar ao das ficções científicas, com esse “novo normal” que diz de uma vida que não *precisaria* mais ser vivida do lado de fora, podendo então se recolher para uma interioridade controlada por seu usuário-morador.

A professora de arquitetura, diretora do programa de Ph.D em arquitetura e diretora fundadora do programa de Mídia e Modernidade da Universidade de Princeton, Beatriz Colomina, no texto “O século da cama”, discute questões passíveis de se fazer um paralelo com a premissa desse “novo normal”. Colomina faz observações bastante pertinentes sobre a forma como “as tecnologias eletrônicas em rede eliminaram todos os limites do que pode ser feito na cama”¹⁶. A análise da autora, não só da cama, mas da casa como espaço privado e que poderia conter inúmeras atividades comumente realizadas fora dele retoma o pensamento de Walter Benjamin no texto *Luís Felipe*, ou o *interieur*¹⁷, em que o pensador alemão elabora sobre a delimitação que separa o espaço da casa e do trabalho no século XIX:

Sob Luís Filipe, o homem privado pisa o palco da história. [...] Pela primeira vez, o espaço em que vive o homem privado se contrapõe ao local de trabalho. Organiza-se no interior da moradia. O escritório é seu complemento. O homem privado, realista no escritório

quer que o interieur sustente as suas ilusões. Esta necessidade é tanto mais aguda quanto menos ele cogita estender os seus cálculos comerciais às suas reflexões sociais. Reprime ambas ao confirmar o seu pequeno mundo privado. Disso se originam as fantasmagorias do «interior», da interioridade. Para o homem privado o interior da residência representa o universo. Nele se reúne o longínquo e o pretérito. O seu *salon* é um camarote no teatro do mundo. (Benjamin, 1985, p. 37)

Dessa forma, retomando o *aleph* de Jorge Luis Borges, atualizado por Portella para o contexto contemporâneo, é possível dizer que Benjamin já percebia a interioridade doméstica como passível de conter um mundo inteiro. Colomina dá continuidade à discussão analisando as modificações dessas fragmentações entre as atividades dentro e fora de casa até o século XXI, enfatizando a cama como o espaço final que, para muitos, passa a conter grande parte das atividades cotidianas:

A industrialização trouxe consigo turnos de oito horas e a radical separação entre casa e escritório/fábrica, descanso e trabalho, noite e dia. A pós-industrialização traz o trabalho de volta à casa e o estende ao quarto e à própria cama. A fantasmagoria já não envolve o quarto apenas nos papéis de parede, tecido, imagens e objetos. Agora, está nos aparelhos eletrônicos. O universo inteiro é concentrado numa pequena tela com a cama flutuando em um infinito mar de informação. Deitar-se não é descansar, mas se mover. A cama passa a ser um local de ação. Mas o imobilizado voluntário não necessita de pernas. A cama se tornou a mais nova prótese e, todo um novo setor industrial é dedicado a fornecer dispositivos para facilitar trabalhar deitado: ler, escrever, mandar mensagens, gravar, transmitir, escutar, falar e, claro, comer, beber, dormir ou transar – atividades que ultimamente parecem ter se tornado o próprio trabalho. [...] Tudo o que é feito na cama se tornou trabalho. (Colomina, 2023, p. 86)

Colomina traz inclusive a figura de Hugh Hefner e seu cotidiano dentro da *Mansão Playboy*, que elevou a cama a um status de síntese da própria casa dentro da cultura pop. Hefner tinha sua central de controle particular, a partir da qual nem precisava sair dela para gerenciar o restante da moradia. A professora se utiliza também de Jonathan Crary, mencionado anteriormente, e sua discussão sobre o mundo regido pela temporalidade 24/7, e diz que a cama, assim como defendia Hefner, passou a se tornar também um escritório, numa tentativa de manter uma produtividade ininterrupta exigida até os dias de hoje.

Entre a cama inserida no local de trabalho e o local de trabalho inserido na cama, uma nova arquitetura horizontal assumiu o controle. Essa arquitetura é ampliada pelas «achataadas» redes das mídias sociais que foram integradas nos meios profissionais, de negócios e industriais em um colapso de distinções tradicionais entre público e privado, trabalho e recreação, descanso e ação. A própria cama, com colchão, roupas de cama e acessórios técnicos cada vez mais sofisticados, é a base de um ambiente intrauterino que combina um senso de interioridade profunda com o de hiper-conectividade com o mundo exterior. Não por acaso, a cama redonda de Hefner foi uma espécie de disco voador flutuando no espaço em um quarto sem janelas, como que em órbita, com a televisão pendurada em cima como referência ao planeta Terra. Redonda, a imagem clássica do universo. A cama hoje também se tornou um universo portátil, equipado com toda tecnologia de comunicação possível. Uma fantasia da metade do século passado tornou-se uma realidade em massa. Qual é a arquitetura desse novo espaço e tempo? Nos anos 1960 e 1970, arquitetos experimentais se dedicaram a equipar novos nômades móveis, em toda uma galáxia de interiores leves e portáteis, com espaços reclináveis e macios como centro de um complexo de extensões prostéticas. Todos esses projetos podem ser entendidos como camas de alta performance complementadas por mídia, atmosferas artificiais, cor, luz, cheiro... uma espécie de Melnikov pop-psicodélico, desta vez com o trabalhador dormindo dentro da cabine de controle. (Colomina, 2023, p. 92-93)

Colomina dá exemplos dessa cama habitada, como a nave do filme de ficção científica de 1968, *Barbarella*, que ilustra e descende do que ela chama de Arquitetura Playboy. A pesquisadora traz como exemplo também o protesto de John Lennon e Yoko Ono *Bed-In for Peace* (Na cama pela paz), de 1969, em que o casal passou o final de semana de sua lua de mel na cama do hotel, em Amsterdã, deitados e recebendo a imprensa, como forma de manifestação política contra a guerra, na intenção de promover a paz mundial. Colomina diz:

A cama substituiu as ruas como local de protesto. Eles convidaram a imprensa do mundo todo para irem a seu quarto todo dia das nove da manhã às nove da noite, tratando a cama como um escritório no qual eles trabalhavam enquanto jornalistas afluíam e imagens eram transmitidas. Qual é a natureza desse novo interior no qual decidimos nos hospedar coletivamente? Qual é a arquitetura dessa prisão na qual dia e noite, trabalho e lazer não são mais diferenciados e na qual estamos permanentemente sob vigilância, mesmo quando dormimos na cabine de controle? As novas mídias nos transformam em companheiros de cela, sob constante fiscalização, mesmo quando celebramos a conectividade infinita. Todos nos tornamos “recluso[s] contemporâneo[s]”, como disse Hefner meio século atrás. (Colomina, 2023, p. 93-95)

Pensar no “Na cama pela paz” atualmente traz uma inevitável associação às manifestações durante a pandemia, que se deram dentro de casa. Ainda que os painéis tenham marcado os dias de isolamento, é importante entendê-los como parte de uma espécie de normalidade contemporânea em que as manifestações não necessariamente exigem sair de casa, ou até mesmo da cama. E, mesmo que entre 2020 e 2023 estivessem lidando com a impossibilidade de sair às ruas, a espacialidade virtual como palco de manifestação política já possuía certa evidência. Porém, as ruas, no final das contas, não podem ser substituídas por protestos tão domesticados – as multidões presenciais se diferem bastante de multidões virtuais. O filósofo de tradição alemã Byung-Chul Han, em “No enxame: perspectivas do digital”, traz essa discussão:

¹⁸ HAN, Byung-Chul. No enxame: perspectivas do digital.. Tradução: Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018. p. 29.

O enxame digital não é nenhuma massa porque, nele, não habita nenhuma alma [*Seele*], nenhum espírito [*Geist*]. A alma é aglomerante e unificante. O enxame digital consiste em indivíduos singularizados. A massa é estruturada de um modo inteiramente diferente. Ela revela propriedades que não podem ser referidas aos indivíduos. Os indivíduos se fundem em uma nova unidade, na qual eles não têm mais nenhum perfil próprio. Um aglomerado contingente de pessoas ainda não forma uma massa. É primeiramente uma alma ou um espírito que os funde em uma massa fechada e homogênea. Uma alma de massa ou um espírito de massa falta inteiramente ao enxame digital. Os indivíduos que se juntam em um enxame não desenvolvem nenhum Nós. Não lhes caracteriza nenhuma consonância que leve a massa a se unir em uma massa de ação. O enxame digital, diferentemente da massa, não é em si mesmo coerente. Ele não se externa como uma voz. [...] Por isso ele é percebido como barulho. (Han, 2018, p. 27)

O ato de bater painéis daqueles que se isolaram se situou então em uma espécie de zona limítrofe entre a manifestação coletiva presencial e a virtual, com as ruas “interditadas”. Porém, trouxe luz à uma individualização dessa forma de se manifestar, a partir de uma coletividade mais dispersa, caracterizada por um “aglomerado sem reunião”¹⁸, como diz Han.

O homo digitalis [«homem digital»] é tudo, menos um «ninguém». Ele preserva a sua identidade privada, mesmo quando ele se comporta como parte do enxame. Ele se externa, de fato, de maneira anônima, mas via de regra ele tem um perfil e trabalha ininterruptamente em sua otimização. Em vez de ser “ninguém”, ele é um alguém penetrante, que se expõe e que compete por atenção. O ninguém do meio de massas, em contrapartida, não reivindica nenhuma atenção para si mesmo. A sua identidade privada é dissolvida. Ele é absorvido pela massa. É nisso que também consiste a sua fortuna. Ele não pode ser

anônimo, pois ele é um ninguém. O homo digitalis, em contrapartida, apresenta-se frequentemente, de fato, anonimamente, mas não é um ninguém, mas sim alguém, a saber, um alguém anônimo. (Han, 2018, p. 28-29)

O filósofo também menciona essa individualização em outros textos, como em “Sociedade do cansaço”, em que discute a sociedade imersa em uma cultura de desempenho compulsório, com uma oferta infinita de informações a partir do digital, em que «o cansaço da sociedade do desempenho é um cansaço solitário, que atua individualizando e isolando.»¹⁹ Retomando então Federici, é trazido seu ponto de vista sobre as formas de manifestação política atuais e suas implicações, partindo de uma elaboração sobre o movimento Occupy Wall Street (2011), que também se relaciona com o contexto da pandemia. Ainda que esse momento recente se situe a partir de uma impossibilidade de sair de casa, e que essa forma de protesto tenha sido até certo ponto temporária, ela não deveria ser colocada como um “novo normal” de se posicionar e de manifestar politicamente. Já nos encontramos em um pós-pandemia e as ruas podem e devem ser ocupadas novamente. Federici diz:

[...] devemos rejeitar o axioma comum nas análises sobre o movimento Occupy de que as tecnologias digitais (Twitter, Facebook) são catalisadoras da revolução global, da «Primavera Árabe» e do movimento de ocupação de praças. Sem dúvida, o Twitter pode levar milhares de pessoas às ruas, desde que elas já estejam mobilizadas. Ele não pode ditar como nos reunimos, seja de maneira contínua, seja na forma comunal e criativa como vivemos nas praças, fruto de um desejo pelo outro, de se comunicar corpo a corpo e de compartilhar um processo de reprodução. Como mostrou a experiência do movimento Occupy nos Estados Unidos, a internet pode ser um facilitador, mas a atividade transformadora não é desencadeada pelas informações transmitidas on-line, e sim acampando no mesmo espaço, resolvendo problemas e cozinhando juntos, organizando uma equipe de limpeza ou confrontando a polícia – experiências reveladoras para milhares de jovens criados em frente à tela do computador. (Federici, 2015, p. 280)

Dessa forma, pensar o trabalho durante a pandemia parte também de situá-lo nesse contexto de separação do trabalhador não só de seu local específico para essa atividade, mas também de seus colegas. Apesar de uma proximidade virtual, em que se convive de forma remota com pessoas de lugares diferentes e que provavelmente não poderiam estar fisicamente em determinados espaços pela distância, por exemplo, é inegável como esse tipo de afastamento prejudica certa mobilização política entre os

¹⁹ HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Tradução: Enio Paulo Giachini. 2^a ed. ampliada – Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. p. 71.

funcionários, não conformando então uma massa, nas palavras de Han, e sim um enxame de indivíduos singularizados.

Trazendo novamente Lilia Schwarcz, questiona-se então o que seria esse padrão de normalidade do “novo normal”. Schwarcz aponta como nesses momentos críticos da história, como na crise sanitária da pandemia, a consciência coletiva e pertencimento social aumenta, e esses comportamentos se materializam em outros motes como o “estar no mesmo barco”, utilizado por alguns grupos durante o isolamento que não perceberam ou não quiseram perceber que os barcos eram muito diferentes entre si²⁰, que não dizem da realidade.

E é nessas horas que ao imaginarmos o nosso “normal”, o projetamos para os demais, repaginando-o como um “novo normal”. Somos, porém, um país em que mais de 20% das pessoas vivem em moradias de um cômodo, onde residem quatro ou mais habitantes. No Brasil, 50% das casas não têm acesso ao esgoto sanitário. Trinta e três milhões de brasileiros não contam em seus lares com abastecimento de água confiável. E, mesmo assim, definimos que no “novo normal” – que não tem tempo ou espaço – não viajaremos tanto, não compraremos tantas roupas, não seremos tão consumistas, cozinharemos (quando der) e até arrumaremos a casa. A pergunta, mais uma vez, é a seguinte: “novo normal” para quem? (Schwarcz, 2020)

O “novo” presente entre 2020 e 2023, dito por muitos como um novo modo de existir dali em diante acabou se tornando apenas mais uma ficção, uma ideia de futurologia que o mercado de tecnologia utilizou para delimitar necessidades a partir de suas ferramentas, “desenhando delírios”²¹ que são ouvidos e admirados por “olhos embasbacados”²².

Com a articulação desses pensadores citados até aqui, “é possível perceber como os mecanismos de controle em vigência durante a pandemia de COVID-19 são descendentes diretos daqueles descritos por Foucault ao falar do nascimento da medicina moderna”²³. Mas eles passaram por um aperfeiçoamento dentro do capitalismo neoliberal, no qual os sujeitos, durante a quarentena, mas não só, foram colocados em uma posição de transferência dos métodos de vigilância para o espaço até então privado de suas próprias casas. Além do controle doméstico, o rigor também foi para o próprio indivíduo, que foi coagido a aceitá-lo a partir de outras instituições, como as sanitárias, mas também do mercado de trabalho e a imposição do modelo à distância. Trazendo também o pensador Jean-Louis Weissberg, a fragmentação

20 RIBEIRO, Eduardo. ‘A pandemia não é a mesma para todos’, diz a presidente da Fiocruz. Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca. Disponível em: <https://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/49388>. Acesso em: 01/04/2024.

21 FELITTI, Guilherme. A sangria da tecnologia é consequência de um “novo normal” que nunca chegou. Tecnocracia. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/iUbaYyNhIgpvi-J8NXba2tl?si=30da8275cb-62455c&nd=i&dlsi=a581ab-d6c55c407f>. Acesso em: 13/06/2023.

22 Ibidem.

23 FARIA, Paula Lemos Vilaça. Domesticidades e contra-domesticidades [manuscrito]: crônicas e carecos de vidas confinadas. – 2024. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura. p. III.

24 O Panóptico de Bentham, possui como objetivo “[...] fazer com que a vigilância seja permanente em seus efeitos, mesmo se é descontínua em sua ação; que a perfeição do poder tenda a tornar inútil a atualidade de seu exercício; que esse aparelho arquitetural seja uma máquina de criar e sustentar uma relação de poder independente daquele que o exerce; enfim, que os detentos se encontrem presos numa situação de poder de que eles mesmos são portadores.” (Foucault apud Pogrebinschi, 2004, p. 192)

25 Rádio Batente. O chefe pode te vigiar até em casa? Podcast Trabalhadora.

proporcionada pela telepresença levou a um controle difuso do indivíduo, ainda assim cercado em todas as suas partes, simultaneamente esquadrinhadas o tempo todo:

A «telepresença» não deveria se identificar mais com o par presença/ausência tal como inaugurado na comunicação telegráfica, que permanece um transporte de signos da presença mesmo se esta se efetua quase instantaneamente. Depois do transporte à distância pela escrita (a missiva, primeiro transporte dos signos da presença), do teletransporte em tempo real (morse, voz, imagens e sons com o audiovisual), assistimos à emergência de um outro regime de transporte que não é mais os dos signos da presença, mas do próprio meio de chegada, este último confundindo-se com o meio de partida: fenômeno que substitui a lógica da emissão/recepção pela da divisão corporal de um mesmo sujeito em diversos lugares simultaneamente. (Weissberg, 1993, p. 126)

Ainda que seja possível dizer que outros mecanismos de controle, mesmo ambivalentes, como aqueles voltados ao gerenciamento da saúde pública funcionaram durante a pandemia, como a defesa da quarentena como um método eficaz de combate ao vírus, por exemplo, eles também funcionaram como estratégia de manutenção de um isolamento pré-existente. Em casas como ilhas individuais, uma tanto destacadas ou abstraídas de uma coletividade urbana, o indivíduo teve uma obliteração do seu status de sujeito a partir do aperfeiçoando das formas como o neoliberalismo atuou e ainda atua em menor ou maior escala na sociedade contemporânea.

O Panóptico de Bentham²⁴, utilizado como metáfora do dispositivo de vigilância por Foucault, se tornou um símbolo ainda mais presente, onipresente e intrincado a partir dessa ausência de limites entre as atividades dentro de casa. Um exemplo dessa nova manifestação dos dispositivos de poder a partir de ferramentas digitais é discutido no episódio “O chefe pode te vigiar até em casa?”, do podcast da Rádio Batente chamado Trabalhadora²⁵. Os apresentadores mencionam softwares como o Time Doctor, por exemplo, que são instalados nos computadores que algumas empresas oferecem para serem utilizados por seus funcionários atuando em regime remoto, como forma de monitoramento que

ultrapassa a linha de vigilância dentro de um espaço de trabalho, invadindo a privacidade do usuário-funcionário dentro de casa, monitorando seu tempo de tela, os sites e aplicativos abertos, sua concentração ao utilizar dados obtidos pela câmera ao observar a visão dos trabalhadores ou até mesmo a ativação do microfone das máquinas sem que necessariamente eles saibam. (Faria, 2024, p. III-II2)

Para a professora e pesquisadora da UFRJ Fernanda Bruno, é bastante complexo delimitar uma separação clara que divide a vida pessoal da profissional com esse tipo de fiscalização, principalmente diante da cultura de desempenho de gestão das empresas que justificam o uso desse tipo de ferramenta de vigilância. Bruno menciona inclusive a cobrança por parte de empregadores de que os trabalhadores se engajem “psicologicamente e emocionalmente”²⁶ no trabalho e abram mão dos limites entre vida pessoal e profissional. Além disso, no *home office* da pandemia, com essa divisão ainda mais ambígua, também é questionado no episódio o gerenciamento e armazenamento dos dados sobre a produtividade de cada um, relacionado ao uso dessas informações a longo prazo. Esse tipo de avaliação em nível de performance, cruzando dados que o funcionário na maioria das vezes não sabe que são analisados algoritmicamente, evidencia o debate ético que precisa ser estabelecido em um momento em que esse tipo de mecanismo tem se tornado parte do dia a dia de trabalho.

26 Ibidem.

O episódio do podcast da Rádio Batente cita ainda um estudo de janeiro de 2019 da Accenture, empresa global de serviços profissionais, que diz que 62% das maiores corporações globais já se utilizavam desses mecanismos de coleta de dados de seus funcionários, mas que apenas 30% dessas empresas diziam ter certeza da responsabilidade do uso desses mesmos dados (Rádio Batente, 2024). Desde que esse estudo foi publicado até 2021, enquanto o isolamento social ainda era uma recomendação, o uso dessas ferramentas triplicou. Fernanda Bruno também menciona a forma como esses métodos de vigilância também são colocados muitas vezes como um recurso disponível para o próprio trabalhador analisar a sua eficiência e dedicação, quantificadas em dados de produtividade que supostamente comprovam seu esforço. Esse argumento serve para incutir no indivíduo um incentivo de uma otimização por conta própria, aprimorando a si mesmo, quando no final das contas está cumprindo com a expectativa de dinâmicas bastante abusivas de trabalho, em que as empresas partem da premissa do controle e fiscalização para invadir outras esferas da vida de seus empregados. Também participa da discussão desse podcast o sociólogo e professor da UFABC Sérgio Amadeu, que fala sobre como alguns trabalhos são vendidos como mais flexíveis nesse contexto proporcionado por ferramentas digitais, enquanto aumentam o estado de precariedade dos trabalhadores. Precariedade esta que é reforçada por contratos empregatícios frágeis e invasão de privacidade, que levam a uma maior sujeição atual a esses mecanismos de controle.

27 FILHO, Eduardo F. Garras nas mãos, corcundas e olhos vermelhos: confira como serão os trabalhadores do home office daqui 70 anos. O Globo. Disponível em: https://oglobo.globo.com/saude/noticia/2023/06/garras-nas-maos-corcundas-e-olhos-vermelhos-confira-como-serao-os-trabalhadores-do-home-office-daqui-70-anos.ghtml?utm_source=instagram&utm_medium=Social&utm_campaign=O+Globo. Acesso em: 20/01/2024.

28 Ibidem.

29 CAPANEMA, Rafael. O pessoal está doídi-nho para sabotar o home office. Núcleo. Disponível em: <https://nucleo.jor.br/garimpo/complo-home-office/>. Acesso em 20/01/2024.

30 Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2023/05/05/oms-decreta-fim-de-emergencia-por-covid-19.htm>. Acesso em: 23/05/2023

Em 2023, viralizou nas redes sociais um estudo que levou a reportagens como a do jornal O Globo, com o nome “Garras nas mãos, corcundas e olhos vermelhos: confira como serão os trabalhadores do home office daqui 70 anos”²⁷, falando de uma suposta projeção física do corpo humano em 2100. A reportagem conta com imagens de representações tridimensionais da figura de uma mulher corcunda, de pele pálida e enrugada e descrita como acima do peso. O estudo mencionado foi realizado pela Universidade de Leeds, na Inglaterra, mas o modelo apresentado foi produzido por uma empresa de móveis canadense, segundo a qual o trabalho remoto sem o mobiliário adequado poderia levar a esse prognóstico. “A modelo, apelidada de Anna, exibe muitos efeitos físicos devido ao uso consistente de tecnologia, exposição à tela e má postura, além de destacar possíveis problemas de saúde mental”²⁸, diz o texto. “O desenho é baseado em um estudo científico. Mas quem mandou fazê-lo foi uma empresa que faz móveis de escritório. É pouco conflito de interesse?”²⁹, diz o jornalista Rafael Capanema.

A repercussão dessa matéria e da imagem de Anna trouxe muitos questionamentos, principalmente com a retomada das atividades presenciais, suscitando outras questões além da cadeira correta para se passar muitas horas trabalhando. O trabalho em escritórios é realmente tão mais saudável assim, uma vez que em grande parte das cidades no Brasil os trabalhadores gastam boa parte do dia apenas no trajeto até seus locais de trabalho, por exemplo? O home office é então a melhor alternativa nesse período pós-pandemia? Talvez o primeiro passo seja fugir da dicotomia de bom ou mau nesse tipo de discussão, assim como para falar dos dois tipos de trabalho. Presencial ou não, os pontos aqui citados como os novos mecanismos de controle vigentes, as novas formas de manifestação política e a precariedade dos vínculos trabalhistas no capitalismo neoliberal são fatores que apareceram de forma mais dramática durante a pandemia e acabam por atuar nos dois regimes de trabalho.

Um dos questionamentos que deve caminhar nesse período posterior deve se situar de forma a debater a qualidade dos espaços de moradia e trabalho, as casas onde as duas atividades são realizadas ou os locais de trabalho que fazem uma separação física mais clara. E é de extrema importância pensar a complexidade dessa dualidade não como parte de um período anterior, ultrapassado a partir do momento em que a OMS declarou o fim da emergência sanitária em maio de 2023³⁰.

A cidade, o corpo e a casa se coisificaram cada vez mais nesse período, de modo que o “seguir adiante”, mesmo que distante do “novo normal” previsto anteriormente, necessita um olhar crítico de seu impacto justamente por sua assimilação tão rápida e complexa a partir da pandemia. A relação que as pessoas passaram a estabelecer consigo mesmas, entre si e entre as instituições de poder mediante o caráter híbrido do morar, imersos em tecnologias digitais, trouxe a figura do panóptico de Bentham não mais como uma espacialidade análoga, mas uma força simbólica interiorizada, como dito por Byung-Chul Han, e como o poder descrito por Foucault, em constante transferência, invisível e intrincado às estruturas da sociedade de maneira bastante eficaz. (Faria, 2024, p. 114)

³¹ REDAÇÃO NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL. «O mundo deve se preparar para enfrentar uma próxima pandemia», alerta a OMS. National Geographic. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/ciencia/2023/06/o-mundo-deve-se-preparar-para-enfrentar-uma-proxima-pandemia-alerta-a-oms>. Acesso em: 09/01/2024.

A partir da análise dessa reunião das atividades como trabalho, estudo, lazer, entre outras sociabilidades restritas, sem poderem se dar da porta para fora durante a pandemia, ficou nítida a impossibilidade de conter tudo da porta para dentro.

O Aleph de Jorge Luís Borges, encontrado embaixo de uma escada de um porão, não serve apenas como imagem ilustrativa do vortex infinito de informação que as ferramentas digitais podem proporcionar. Mas também funciona nesse contexto como uma metáfora de espaços apertados e não muito confortáveis de se estar, ainda que possibilite conhecer o mundo inteiro sem que se saia do lugar. (Faria, 2024, p. 149)

Enquanto prosseguimos a vida na contemporaneidade, em meio a inovações tecnológicas e contextos muito próximos de ficções, as narrativas que não se organizam exatamente de forma episódica como as dos contos de Borges ou Portella, e sim, se aproximam dos relatos mais permeáveis do cotidiano de Pinheiro, Sandler e Andrade. A pandemia pode ter sido controlada, mas não foi a primeira nem a última dos próximos anos³¹. Portanto, discutir o morar emaranhado ao trabalho, ainda que aqui debatido a partir do período da isolamento social, não deve se restringir a esse momento, uma vez que todas as questões aqui pontuadas vazam para além do recorte temporal, não se encerrando completamente a cada determinação das instituições sanitárias e governamentais, mas que seguem uma continuidade histórica que se agrava em períodos de crise, em que o “novo normal” não passa de uma expressão irônica para descrever a total ausência de normalidade na vida contemporânea.

Referências

ANDRADE, Luciana. *presente. flows magazine*. Disponível em: <https://flowsmagazine.substack.com/p/presente>. Acesso em: 23/01/2024.

BORGES, Jorge Luis. *O Aleph* (1949). Tradução: Davi Arrigucci Jr. – São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CAPANEMA, Rafael. *O pessoal está doidinho para sabotar o home office*. Núcleo. Disponível em: <https://nucleo.jor.br/garimpo/complo-home-office/>. Acesso em 20/01/2024.

COLOMINA, Beatriz. *O século da cama*. In: Beatriz Colomina. *Marian Rosa van Bodegraven e Marianna Boghosian Al Assal* (org.). *Arquitetura, sexualidade e mídia*. Tradução: Marian Rosa van Bodegraven – São Paulo: Editora Escola da Cidade / Editora WMF Martins Fontes, 2023. p. 84-95.

CRARY, Jonathan. *24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono*. Tradução: Joaquim Toledo Jr. – São Paulo: Ubu Editora, 2016.

FARIA, Paula Lemos Vilaça. *Domesticidades e contra-domesticidades [manuscrito] : crônicas e cacarecos de vidas confinadas*. – 2024. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura.

FEDERICI, Silvia. *Reencantando o mundo: tecnologia, corpo e construção dos comuns* [2015]. In: Silvia Federici. *Reencantando o mundo: feminismo e a política dos comuns*. Tradução: Coletivo Sycorax – São Paulo: Elefante, 2022. p. 272-285.

FELITTI, Guilherme. *A sangria da tecnologia é consequência de um “novo normal” que nunca chegou. Tecno-cracia*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/1UbaYyNhIgpviJ8NXba2tl?si=3oda8275cb62455c&nd=1&dlsi=a581abd6c55c407f>. Acesso em: 13/06/2023.

FILHO, Eduardo F. *Garras nas mãos, corcundas e olhos vermelhos: confira como serão os trabalhadores do home office daqui 70 anos*. O Globo. Disponível em: https://oglobo.globo.com/saude/noticia/2023/06/garras-nas-maos-corcundas-e-olhos-vermelhos-confira-como-serao-os-trabalhadores-do-home-office-daqui-70-anos.ghhtml?utm_source=instagram&utm_medium=Social&utm_campaign=O+Globo. Acesso em: 20/01/2024.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. – Rio de Janeiro: Editora GRAAL, 1979.

HAN, Byung-Chul. *No enxame: perspectivas do digital*. Tradução: Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Tradução: Enio Paulo Giachini. 2^{ff} ed. ampliada – Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

PINHEIRO, Luisa. *Um gostinho de home office*. Doses de Tiquira. Disponível em: <https://dosesdetiquira.substack.com/p/um-gostinho-de-home-office>. Acesso em: 07/04/2024.

POGREBINSCHI, T. Foucault, para além do poder disciplinar e do biopoder. *Lua Nova Nffl* 63. 2004.

PORTELLA, Vinícius. *Concentração*. In: Vinícius Portella. *O inconsciente corporativo e outros contos*. – 1. ed. – São Paulo: DBA Editora, 2023. p. 11-12.

PORTELLA, Vinícius. *O inconsciente corporativo e outros contos*. – 1. ed. – São Paulo: DBA Editora, 2023.

Rádio Batente. *O chefe pode te vigiar até em casa?* Podcast Trabalhadora. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/37r41LfG6Wt494gMZ2g3Kg?si=1-sAdznxSkylamhrUEg38A>. Acesso em: 26/04/2026.

SANDLER, Carolina Ruhman. *Você não vai abrir a câmera? Vou te falar*. Disponível em: <https://vouteffalar.substack.com/p/voce-nao-vai-abrir-a-camera>. Acesso em: 07/04/2024.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *De perto ninguém é normal (ou o 'novo normal')*. Revista Gama. Disponível em: https://gamarevista.uol.com.br/sociedade/de-perto-ninguem-e-normal-ou-o-novo-normal/?utm_medium=IG_Stories&utm_source=Social&utm_campaign=LivresGama. Acesso em: 01/04/2024.

STIGGER, Veronica. *Texto de orelha do livro*. In: Vinícius Portella. *O inconsciente corporativo e outros contos*. 1. ed. – São Paulo: DBA Editora, 2023.

WARK, McKenzie. *O capital está morto*. Tradução: Dafne Melo. – São Paulo: Editora Funilaria e sobinfluencia edições, 2022.

WEISSBERG, Jean-Louis. **Real e virtual**. Tradução: Ivana Bentes. In: André Parente (org.). *Imagem-máquina: a era das tecnologias do virtual*. Tradução: Rogério Luz et al. – 4^{ed} – Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993. p. 117-126



Jonathas de Andrade, Heroínas de Tejucupapo (Heroines of Tejucupapo) - 2022. 289 imagens impressas em falcão cru, vários tamanhos e texto em adesivo vinílico na parede. Local: Galleria Continua - LesMoulins. Photos: Oak Taylor-Smith







Trabalho

ISABELA PRADO*

O trabalho é um aspecto central da vida humana. É fonte de subsistência, e ao mesmo tempo de exploração; envolve relações pessoais e é como nos identificamos socialmente. O debate sobre o tema tem grande pertinência e atualidade, uma vez que vivemos em tempos de mudanças nas relações de trabalho, com o avanço de reformas que o precarizam e eliminam direitos. Ao mesmo tempo, a disseminação de tecnologias digitais traz novos desafios e novos contextos para o entendimento das condições de trabalho e das profissões.

Investigar esse tema, ao mesmo tempo complexo e atual, é o propósito deste número da Revista da UFMG. O ensaio visual apresentado aqui também se propõe a enfrentar esse desafio, contribuindo para a reflexão de forma poética. O artista escolhido para esta edição é Jonathas de Andrade, nascido em Maceió, Alagoas, e que vive em Recife, Pernambuco. Ele utiliza várias mídias, incluindo fotografia, vídeo e instalação. Seu trabalho explora temas de identidade, cultura, trabalho e questões sociais no Brasil, misturando narrativas pessoais e coletivas. Jonathas de Andrade usa uma combinação de abordagens documentais e ficcionais, criando obras que são ao mesmo tempo poéticas e críticas.

(Para ler esse texto completo, clique [aqui](#).)

* Artista visual e professora na Escola de Belas Artes da UFMG